

PRESSBOOK

(versão atualizada fevereiro 2007)

A CASA DE ALICE

Um filme de Chico Teixeira

PANORAMA

57th Berlin International Film Festival

Seleção Oficial

2007 Miami International Film Festival

Seleção Oficial

XXII Guadalajara International Film

Uma produção da SUPERFILMES (Brasil)

www.superfilmes.com.br

Versão eletrônica do pressbook e fotos em alta resolução no site
www.acasadealice.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, o cinema brasileiro vem se alternando entre retratos das classes mais baixas, em filmes como "Cidade de Deus" e "Carandiru" ou de personagens históricos latino-americanos como Olga Benário e Che Guevara.

"A Casa de Alice" traz um frescor na sua forma de olhar o Brasil, em seu retrato inovador e inteligente da família urbana de classe média brasileira. É um roteiro que aborda a vida de um grande número de brasileiros raramente mostrados nas telas de cinema. De certa forma é também um retrato de uma classe média urbana que pode ser encontrada em todo o mundo: o dia a dia de pessoas comuns de uma maneira profunda e perspicaz, centrado em sentimentos e falhas humanas.

Em um filme que prioriza o aspecto humano, o trabalho do ator é fundamental. Acreditamos que Chico Teixeira provou em seus trabalhos anteriores como documentarista uma grande habilidade em se aproximar dos sentimentos mais íntimos de seus personagens, extraíndo o melhor de cada um deles. Ele é por tanto uma grande promessa como diretor de ficções centradas no ser humano.

Patrick Leblanc e Zita Carvalhosa, Produtores

Sinopse curta

Em um bairro popular da cidade de São Paulo, Alice, uma quarentona, trabalha como manicure. Ela tenta dar a volta por cima e leva a vida como pode, com altos e baixos e a família que o destino lhe deu.

Fatos

Trata-se do primeiro longa-metragem de ficção do documentarista Chico Teixeira.

A atriz Carla Ribas, no papel de Alice, faz sua primeira participação como protagonista em um filme de longa-metragem de forma magistral. Uma verdadeira revelação.

NA MÍDIA

"O documentarista Chico Teixeira consegue leveza e naturalidade no seu promissor e primeiro filme de ficção, revelando o dia-dia de uma família de um bairro popular de São Paulo, corrompida por traições sexuais e emocionais. Iluminado pela radiante Carla Ribas no papel principal, o filme vale uma conferida."

Variety

Deborah Young

"Os personagens duros e comuns de Teixeira transmitem uma realidade e densidade raras no cinema de hoje."

Screen International

David D'Arcy

"A Casa de Alice deverá configurar-se como uma das melhores coisas produzidas pelo cinema brasileiro atual, apresentando uma crônica seca e segura de uma certa classe média verdadeira que não tem sido filmada pelo cinema nacional."

CinemaScópio (UOL)

Kleber Mendonça Filho

"Devido aos detalhes sutis, ao surpreendente olhar, ao não ensaiado, pode-se considerar A casa de Alice como uma descoberta do Festival de Berlim."

Der Tagesspiegel - Berlin

Daniela Sannwald

"A Casa de Alice deve sua grande qualidade tanto à descrição certa de um ambiente social, pouco freqüentado pelo cinema brasileiro, como o excelente elenco liderado pela estupenda Carla Ribas em seu primeiro papel como protagonista."

Agencia Nazionale Stampa

Associata

"O júri da CICAIE, por unanimidade, decidiu premiar o filme A Casa de Alice de Chico Teixeira pela excelente direção de atores e

representação realista de uma família brasileira, como também a excelente construção dos personagens e das situações mostradas."

Confédération Internationale des Cinemas Arts et Essai

SINOPSE

Alice tem cerca de quarenta anos e mora num bairro de periferia de São Paulo. Ela divide a casa com sua mãe, Dona Jacira, seu marido, o taxista Lindomar, e seus três filhos Lucas, Edinho e Junior. Alice trabalha como manicure num salão de beleza.

Em casa, Dona Jacira que se encarrega de todas as tarefas. Ela lava, passa, cozinha e arruma, enquanto escuta seu programa de rádio favorito. O apresentador do programa, Carlinhos Abranches, ameniza a solidão de Dona Jacira que vai gradualmente perdendo a visão.

Lucas é um rapaz conservador que inicia uma carreira no exército e mal vê a hora de se tornar tenente para reproduzir o mesmo comportamento autoritário de seus superiores. De vez em quando, ele ganha um trocado de homens mais velhos com os quais ele passa algumas horas. Edinho é o neto mais afetuoso de Dona Jacira, mas nem ela escapa quando ele precisa de um dinheirinho para um tênis novo ou um walkman. O filho caçula, Junior, é o mais frágil e apegado à mãe e tem no irmão mais velho um modelo. Como todo adolescente, anda atormentado por questões afetivas e sexuais.

Depois de 20 anos de casamento, nem Lindomar nem Alice esperam grandes emoções a dois. O taxista reserva seus impulsos sexuais aos casos extraconjugais que mantém, de preferência, com meninas que acabaram de sair da puberdade. Alice, por sua vez, também dá as suas escapadas e faz vista grossa aos romances do marido.

Eis que surge Nilson, um antigo namorado da adolescência. Alice enxerga nele a possibilidade de realizar seus sonhos românticos, mudando o rumo de sua vida afetiva e financeira. Mais uma vez, Alice se ilude e vai continuar a ver navios.

SOBRE O FILME - ENTREVISTA COM CHICO TEIXEIRA

Qual é a história que você queria contar com "A Casa de Alice"?

Eu sempre quis contar uma história que fosse simples, sem mortes, sem heróis, sem nada, com pessoas comuns, assim como eu e você. O filme é basicamente sobre o cotidiano de uma mulher que se ilude o tempo todo e vai repetindo seus erros vida afora. É um filme de pequenas ações, com movimentos íntimos internos, com frustrações do dia a dia, nada é seguro, ninguém sabe pra onde vai naquela casa, é tudo um vazio enorme. Eu queria também falar sobre a mesquinha das relações afetivas, sobre laços familiares muito frágeis, que a qualquer momento se destroem e se quebram.

Quais são os temas abordados pelo filme? Se você fosse eleger um único tema, qual seria?

Eu nunca pensei em um único tema quando estava escrevendo, deixei o personagem ir se revelando aos poucos para mim. No começo até pensei em escrever sobre o egoísmo, sobre a inveja, sobre a falta de afeto que existe entre as pessoas próximas. Mas depois deixei

isso de lado. Afinal de contas, não somos uma coisa só, não é mesmo? Somos vários dentro de nós mesmos.

Como surgiu a idéia para o roteiro e quais as circunstâncias que propiciaram seu desenvolvimento?

Eu tinha acabado de terminar um documentário sobre gêmeos, em que fui investigar a difícil questão da identidade que existe entre nós. Veio vindo aos poucos um interesse em falar sobre sentimentos. No parque do Ibirapuera, eu comecei a reparar num grupo de cegos que andavam por lá todos os dias. Seus rostos eram de uma felicidade, de um preenchimento pessoal muito grande, por estarem vendo alguma coisa que eu não conseguia ver. Isso me deixou curioso e começou a despertar um assunto. Comecei a escrever outro documentário sobre a cegueira, gostaria de sentir ou tentar sentir como não se tivesse olhos, como se olhasse pra dentro o tempo todo. Alguns meses depois estava me perguntando: por que não fazer uma história que tivesse um personagem cego? Gostei da idéia, mas me deu muito medo: venho do documentário, da investigação, nunca tinha escrito nada de ficção. Esse medo, por incrível que pareça, me impulsionou pra frente, mais um desafio pra mim. Comecei a escrever então sobre um personagem que ia ficando cego ao longo do filme, com coisas que não gostaria de ver. Assim surgiu a Dona Jacira. Mas o filme foi pedindo mais coisas, daí surgiram Alice e sua família.

Como foi escrever pela primeira vez um roteiro de ficção?

Eu nunca cursei uma escola de cinema, tudo que aprendi foi com a prática. Em meus documentários, nunca tive um roteiro fechado, sempre uma intenção de roteiro, com perguntas e imagens na minha cabeça. Então decidi freqüentar por um semestre a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo onde, como ouvinte, segui as aulas de roteiro do cineasta Roberto Moreira. Foi muito bom e aprendi muitas coisas. Eu tinha escrito um argumento muito longo sobre a história da Casa de Alice e não sabia o que fazer com ele. Os concursos de apoio ao desenvolvimento de roteiro iam começar e eu queria participar. Vânia Debs, minha montadora, me falou de um jovem roteirista chamado Júlio Pessoa, com quem comecei a organizar o argumento. Ganhamos o apoio! Por um tempo trabalhamos juntos escrevendo o roteiro e em seguida continuei só. Em um determinado momento mostrei o roteiro para meu querido mestre e amigo Jean-Claude Bernardet, que propôs que eu o mostrasse para um grupo de roteiristas, o Nudrama. Na seqüência, me aproximei de Sabina Anzuategui, do Nudrama, cujos comentários tinha adorado. Ficamos uns dois meses enxugando o roteiro e os diálogos. Na seqüência, voltei a trabalhar sozinho no roteiro. Resolvi colocar tudo o que queria naquela história e o roteiro aumentou em quase 30 páginas. Depois chamei um amigo, o cineasta Marcelo Gomes, para dar uma olhada no roteiro. Ele gostou muito, mas falou: "Menino, você está doido? Você quer fazer um filme de quatro horas, vai todo mundo dormir!" Então comecei em enxugar de novo, sempre mostrando ao

Gomes, que ia me orientando com muito profissionalismo e talento. Ele me questionava o tempo todo, isso ia me deixando muito seguro e cada vez mais vinha mais idéias. Marcelo me ensinou muito. Ele foi muito importante e muito amigo neste filme.

Como a sua experiência como documentarista influenciou no processo de realização de seu primeiro longa de ficção?

Acho que no documentário eu aprendi a investigar, a construir um personagem real dentro de uma ficção. Gosto disso, gosto das coisas verdadeiras. No documentário a pessoa esta ali na sua frente, você esta vivendo ela a cada segundo, sofrendo com ela, sorrindo com ela, e é tudo verdade. Quando ela chora você vê a dor dessa pessoa ali na sua frente, você enxuga o rosto dela, você a vê suando de nervoso, você pega nela. Gosto disso. Aliás, gosto muito disso.

O roteiro não foi um obstáculo durante as filmagens?

Não, mas ter feito intenções de roteiro para documentários foi um fator muito positivo na hora de filmar, para que eu tivesse o desprendimento para me descolar, me libertar sem medo do roteiro e seguir cada vez mais a minha intuição e o meu olhar. Muita gente no set de filmagem, não entendia por que mudava tudo na hora, cortava cenas, mas eu sabia que tinha que mudar, e assim fiz.

Como foi feita a escolha do elenco?

Com muita cautela, paciência e, principalmente, sem ansiedade. O processo foi iniciado em 2004. Cerca de 1200 atores e não-atores se apresentaram no estúdio da Fátima Toledo para o filme. Desses 1200, Fátima selecionou 400, pra gente ver juntos. Selecionou baseada em várias conversas longas e minuciosas sobre cada personagem. Foi um trabalho muito prazeroso pra mim. Ver saindo da minha cabeça essas pessoas que ficaram tanto tempo ao seu lado. Qual foi o método de trabalho com os atores?

Trabalhei com a Fátima Toledo. Ela preparou os atores pra eu filmar. Trabalhar com a Fátima é muito bom e difícil, é um mergulho dentro de nós mesmos, não só dentro dos personagens. Pra mim foi muito intenso. Eu chorava muito de emoção quando as primeiras cenas do filme foram levantadas. Chorava também da dor que sentia por intermédio desses atores. Foi realmente forte.

Seus atores tiveram acesso ao roteiro desde o início do processo?

Não, os atores não tiveram acesso ao roteiro em momento algum. Havia no roteiro uma intenção de diálogos que só Fátima e eu conhecíamos. Nos levantamentos de cena, a Fátima falava o diálogo como estava no roteiro uma vez para os atores antes de encenar alguma coisa e eles pegavam à maneira deles. Nessa etapa não mexi no roteiro, estava preocupado na performance dos atores, nas emoções que viriam pela frente. A Fátima começou a trabalhar com eles no final de agosto e durante dez dias eu não podia entrar no estúdio, assistia tudo em casa no DVD e depois conversava com ela

sobre conceitos e o encaminhamento das coisas. Depois passei a freqüentar os ensaios, que foram de setembro a outubro, uns 45 dias. Na hora de filmar, alguns diálogos foram mudados, os atores iam trazendo coisas maravilhosas pra mim (mas tudo dentro de um conceito rigidamente elaborado). Não tive em momento algum, o medo de trocar diálogos, nem de cortar cenas, nem de encenar coisas sem diálogos, os corpos falavam por si, como num baile. Aprendi que os corpos falam muito.

Por que não há música no filme?

Durante a montagem, percebi que o filme não me pedia nada de música. Escutei muito bem o que o filme queria me dizer, então optei que ele não tivesse música. É um filme seco, duro. Decidi que apenas sons ambientes ajudariam a construir o universo daquela família e suas disfunções.

Em que momento o programa de rádio do Carlinhos Abranches entrou no filme?

O programa do Carlinhos simboliza a solidão absoluta da Dona Jacira (e seu mundo particular). É seu grande companheiro, a pessoa que ela mais ama na vida, que ela conversa, a quem ela se entrega, que a escuta (mesmo sem saber que ela existe). E é um rádio, ela nem conhece o rosto dessa pessoa que a faz tanto feliz. Ela divide Carlinhos, seu grande amor, com milhes de ouvintes iguais a ela. Dona Jacira não tem ninguém.

Dona Jacira vai perdendo gradualmente sua visão no filme. O que ela não quer mais enxergar?

Ela não quer enxergar o desmoronamento de sua vida e dos seus entes, o desastre que é a sua família, a "sujeira" que ela vê em cada peça de roupa.

O filme tem uma delicadeza que revela o seu carinho pelos personagens. O que você sente por esses personagens?

Cada personagem do filme tem o meu carinho. São como parte de mim, cada parte do meu corpo é diferente da outra, e gosto delas de maneiras diferentes também. Mas tenho afeto por todas e me relaciono com cada uma à sua maneira. Acho que em cada personagem coloquei um carinho, mesmo que esse personagem não saiba dar carinho ou afeto a maneira que desejamos ver, mas ele tem um carinho por alguém, a maneira dele. Ninguém é totalmente ruim, e ninguém é totalmente bom. Nós somos essa mistura de tudo, não é mesmo? Acho que esse filme em especial teria que ser tratado com delicadeza, foi filmado com delicadeza, para fazer um contraponto com a vida bruta que essas pessoas levam.

Nesse sentido, quais foram as orientações ou referências que você passou para o diretor de fotografia Mauro Pinheiro Jr.?

Estive com Mauro no Rio por oito dias, mergulhados em reuniões, discutindo conceito e destrinchando o roteiro, passo a passo, cena por cena. Conversamos muito sobre uma câmera que pegasse mais as reações dos personagens, olhares, nervosismos, o modo de comer, o

modo de andar, como eles sentam, tudo pra construir melhor os personagens, e não tanto a ação deles. Quis pegar muitos olhares, muitos olhares silenciosos. Vimos alguns filmes dos irmãos Dardenne, do Dogma, do Visconti, do Mike Leigh...

SOBRE O DIRETOR - CHICO TEIXEIRA

Formado pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas Cândido Mendes (RJ), com pós-graduação em Economia Brasileira pela Fundação Getúlio Vargas (SP), Chico Teixeira vem trabalhando em cinema desde 1989, como documentarista.

Seu primeiro filme, "Favelas" (1989), foi premiado no Brasil e em Portugal, no Festival Internacional do Algarve.

"Velhice" (1991), um documentário contundente sobre o cotidiano de pessoas idosas em asilos, lhe rendeu vários convites de festivais internacionais de cinema, tais o Festival Nacional de Filmes Educacionais nos Estados Unidos, o 14o Festival de Vídeo de Tóquio e o 34o Festival Internacional de Leipzig, na Alemanha.

"Criaturas que Nasciam em Segredo" (1995) é um documentário poético sobre os aspectos sociais e psicológicos de cinco anos de São Paulo inspirado nos bufões da Renascença Italiana. O filme ganhou 21 prêmios no Brasil, incluindo Melhor Filme e Melhor Diretor no 23o Festival de Gramado, Trilha e Edição no 28o Festival de Brasília, além de três prêmios internacionais: o Prêmio Ibero-Americano no Festival de Cinema de Huesca (Espanha), Menção Honrosa do Júri no 4o Festival Internacional de Curtas-Metragens do Chile e segundo lugar na eleição do júri popular no Festival Internacional de Vila do Conde (Portugal). O filme teve lançamento internacional, inclusive no Sundance Channel.

"Carrego Comigo" (2000), seu último documentário antes de "A Casa de Alice", foi produzido com recursos do concurso nacional para documentários do BNDES e recursos para desenvolvimento de roteiro do Jan Vrijman Foundation. O documentário estreou na 5a edição do festival de documentário È Tudo Verdade, no Brasil. Após a sua exibição no IDFA, em dezembro de 2001, o filme foi lançado comercialmente com sucesso de público e crítica. Na Europa, o filme foi lançado por emissoras de televisão na Suécia e na Espanha.

SOBRE A PROTAGONISTA - CARLA RIBAS

Carla Ribas interpreta pela primeira vez a protagonista em um filme de longa-metragem. Não é muito tarde para quem começou a

carreira de atriz aos 35 anos. Desde então, ela trabalhou com afinco para conquistar esse papel, no qual revela todo seu potencial como artista.

Logo no início de sua trajetória, iniciada nos palcos do Rio de Janeiro, Carla recebeu indicação para o prêmio Mambembe para melhor atriz coadjuvante pela sua performance em "A Ver Estrelas", de João Falcão, considerado o melhor espetáculo de 1995.

Não obstante, Carla mergulhou nos estudos freqüentando oficinas de grandes nomes das artes cênicas no Brasil. Aprendeu sobre a arte da interpretação com Yoshi Oida, Gerald Thomas, Eduardo Wotzik, Juliana Carneiro da Cunha, Luis Mello, Antunes Filho, José Possi Neto e Fátima Toledo, que a preparou para viver Alice.

No teatro trabalhou com Eduardo Wotzik, João Falcão, Marcos Bernstein, Antonio Carlos Fontoura, Moacyr Góes, Daniel Herz, Roberto Alvim, entre outros. Sua estréia nas telas se deu em 2003 quando participou dos longas-metragens "No Meio da Rua", de Antonio Carlos Fontoura, e "O Outro Lado da Rua", de Marcos Bernstein, com Fernanda Montenegro no papel principal.

Ao ser aprovada para viver Alice, Carla se entregou totalmente ao processo proposto por Fátima Toledo e Chico Teixeira. A atriz carioca se aproveitou da solidão em São Paulo, onde passou quase um ano entre ensaios e filmagens, para uma imersão no universo da personagem. "Foi um processo doloroso, mas que me deu confiança. Eu sou uma atriz daquelas que salta no abismo. Tenho medo sim, mas vou, sem pensar duas vezes, e a Fátima cria as condições ideais para isso, na preparação e no set também", diz.

Apesar da estranheza inicial, provocada pelo método de trabalho proposto, sem acesso ao roteiro do filme, Carla encontrou grande afinidade com sua personagem. "Minha história pessoal tem muita coisa em comum com a de Alice e foi assim que eu me aproximei dela, pelo humano. Não me preocupei se somos ou não de diferentes universos. Eu nunca procurei 'fazer' uma personagem de classe A, B ou C. Quis viver essa mulher, profundamente, com tudo o que temos em comum pelo fato de sermos humanas", conclui.

"Eu fiz algumas oficinas com a Fátima Toledo no Rio de Janeiro. Um belo dia, assim que acabei de fazer um exercício, ela olhou para mim e começou a gritar pela sala: 'Alice! Alice! Você é a Alice!'. Depois disso foram três testes. Eu não correspondia fisicamente ao que o Chico tinha imaginado. Então engordei cinco quilos e fiz tudo o que estava ao meu alcance para conseguir esse papel. E quando aconteceu foi como um sonho se tornando realidade."

Carla Ribas

"Vi Carla pela primeira vez num vídeo que a Fátima me mostrou. Até então tinha visto muitas atrizes e nenhuma tinha o perfil, o jeito, a maneira de Alice. Quando vi Carla, vi Alice na minha

frente. Foi muito rápida a identificação. Trouxe Carla para São Paulo para vários testes, em várias situações diferentes e cada vez ficava mais seguro que era ela. Só tinha que engordar um pouquinho. Nas filmagens, trabalhar com a Carla foi muito fácil, ela tem uma concentração enorme. Quando eu falava o texto e os diálogos ela nem piscava, me olhava por dentro. Várias vezes ensaiando pra filmar eu resolvia mudar tudo e a Carla não questionava nada, estava sempre pronta. Percebi que ela tinha muita confiança em mim e eu nela e que cada vez mais essa confiança aumentava e o trabalho melhorava. Alice estava ali, pronta pra se mostrar fora do papel, Alice é a Carla."

Chico Teixeira

SOBRE A EQUIPE

Marcelo Gomes, co-roteirista

Marcelo Gomes estudou cinema na Universidade de Bristol, Inglaterra. Após dois anos de estudos, voltou para sua cidade natal, Recife, onde fundou a produtora Parabólica Brasil, que produziu seus curtas e vídeos em parceria com Adelina Pontual e Cláudio Assis ("Amarelo Manga"). Seu primeiro roteiro para cinema, "Maracatu, Maracatus" foi premiado em vários festivais, entre eles, no Festival de Brasília (Melhor Filme). Em seguida filmou "Clandestina Felicidade", também premiado como melhor curta segundo a crítica no Festival de Gramado. Gomes dirigiu diversos documentários para TV e colaborou para o roteiro de "Madame Satã", de Karim Aïnouz, com quem dirigiu a vídeo-instalação "Ah! Se a vida fosse sempre assim", para a 26ª Bienal de São Paulo em 2004. Seu longa-metragem "Cinema, Aspirinas e Urubus" foi premiado na mostra Un Certain Regard do Festival de Cannes 2005; melhor filme do 29ª Mostra Internacional de São Paulo e melhor filme de 2005 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

"No cinema brasileiro raramente vemos a classe média representada. Falo da classe média em um espectro mais curto, que me arvorar chamar de classe média baixa urbana". O Brasil que nas últimas décadas se tornou urbano e ainda reduziu o poder de consumo da classe média, promoveu um crescimento agudo dessa fatia da população. Não sou economista, mas ousar dizer que a realidade econômica vivida pela família de Alice é uma realidade presente na maioria das famílias brasileiras.

Mas o que me impressiona no filme, é a precisão, clareza e propriedade com a qual essa realidade é representada, seja na direção dos atores de Chico Teixeira, seja na exemplar direção de arte de Marcos Pedroso, ou mesmo na câmera intimista de Mauro Pinheiro.

É como assistir o avesso de um seriado televisivo como "A Grande Família". No filme do Chico Teixeira o que se imprime é a verdade, sentimento, poesia concreta. Ele sai do estereótipo para ir além e

chegar em personagens arquetípicos dessa classe média brasileira. Nesse sentido, A Casa de Alice dialoga diretamente com a dramaturgia urbana de Nelson Rodrigues".

Marcelo Gomes

Fátima Toledo, diretora de elenco e preparadora de atores

Depois de trabalhar como atriz por dois anos, Fátima Toledo passou a desenvolver um método de preparação de atores no cinema. Seu trabalho obteve grande sucesso já na estréia, no filme de Hector Babenco "Pixote, a Lei do Mais Fraco" (1979). A partir dali, Fátima fez dezenas de trabalhos, como nas produções "Brincando nos Campos do Senhor" (1991), de Hector Babenco, "O Curandeiro da Selva" (1993), de John Mctierman, "Sábado" (1995), de Ugo Giorgetti, entre outros.

O trabalho já consagrado de Fátima obteve sua maior revelação pública com o aclamado "Cidade de Deus", de Fernando Meirelles, onde Fátima Toledo, desenvolvendo o trabalho da preparação de um elenco, à época, formado na sua quase totalidade por "não atores", resultou num sucesso de público e crítica e, mais, na indicação dos atores Leandro Firmino da Hora (melhor ator), Roberta Rodrigues (melhor atriz) e Douglas Silva (melhor ator coadjuvante) no Grande Prêmio Brasil 2003.

Fátima Toledo tem um estúdio de preparação de atores para cinema e televisão em São Paulo e, nos últimos anos, vem sendo cada vez mais solicitada para integrar equipes cinematográficas também como diretora de casting.

"Trabalho de uma forma que causa estranheza a muitos diretores. Com o Chico não foi diferente e tivemos um começo difícil. Mas depois tudo fluiu e o resultado do trabalho é maravilhoso, o filme me emociona muito. O que eu acho bonito no Chico é a sua poesia e ele me permitiu exercitar essa poesia, o que foi lindo. Tenho muito afeto por ele. O filme vem num tom muito cotidiano, o que é difícil para um ator, quando parece que não acontece nada. Para eles é mais fácil fazer as grandes cenas. Mas os atores de "A Casa de Alice", especialmente a Carla, se adaptaram muito bem a esse tom. No dia a dia, sem que nada aconteça, sem que você veja isso muito claramente, transparece toda a dor daquela família. Eu me senti muito angustiada quando vi o filme pela primeira vez".

Fátima Toledo

Mauro Pinheiro, Diretor de Fotografia (ABC)

Formado em cinema pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mauro Pinheiro Junior trabalha com ficção, documentários e publicidade. Fotografou 33 curtas-metragens, entre eles "O Início do Fim", de Gustavo Spolidoro, "Transsubstancial", de Torquato Joel e "O Velho, o Mar e o Lago", de Camilo Cavalcanti, pelos quais recebeu vários prêmios de fotografia em festivais de cinema.

O diretor de fotografia também participou de alguns episódios de séries para televisão produzida pela O2 Filmes, "Cidade dos Homens" (episódios 1 e 3, dirigidos respectivamente por Roberto

Moreira e Adriano Goldman) e Filhos do Carnaval (episódios 4 e 6, dirigidos por Flávio Tambelini (ep. 4) e Cao Hamburger e César Rodrigues (ep. 6).

Pelo seu primeiro trabalho em um longa-metragem de ficção, "Cinema, Aspirinas e Urubus" (2005), recebeu os prêmios ABC 2006 (Associação Brasileira de Cinematografia) e APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). Após esse trabalho, fotografou "Fica Comigo Esta Noite" (2006), de João Falcão, "A Casa de Alice" (2007) e "Mutum", novo longa de Sandra Kogut ainda em fase de finalização.

"Desde o início do processo, o Chico queria uma fotografia bem radical, que permitisse qualquer tipo de movimento e gestos dos atores, principalmente aqueles improvisados. Por isso, tivemos um período de preparação relativamente longo. Foram cinco semanas de convivência com o Chico, para que eu entendesse cada detalhe, cada frase, cada gesto e, principalmente, para que eu percebesse as intenções que ele não expressava, mas tinha. O filme tem uma fotografia crua, como se eu não estivesse pronto para filmar (o que não é verdade, eu tinha muito tempo para preparar). São imperfeições que combinam com a família de Alice, com o que eles têm, que são coisas ou muito cruas ou muito gastas. Outra coisa bacana foi trabalhar de forma perfeitamente integrada com o Marquinhos (diretor de arte) e a Fátima (preparadora do elenco). Muitas decisões de fotografia foram tomadas em função do trabalho deles. Como as paredes brancas da casa, a primeira coisa que um diretor de fotografia e um diretor de arte mudariam. Mas toda família de classe média tem paredes brancas e luzes no teto, então assim foi feito.

Mauro Pinheiro Jr,

Marcos Pedroso, diretor de arte

Formado em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo, Marcos Pedroso iniciou sua carreira como escultor realizando ainda diversas vídeo-instalações antes de começar a trabalhar como o grupo Teatro da Vertigem, um dos mais respeitados núcleos de pesquisa teatral do Brasil. Para o grupo, concebeu a cenografia dos espetáculos "Paraíso Perdido", "O livro de Jô" and "Apocalipse 1,11".

Seu primeiro trabalho como diretor de arte foi no filme "O Bicho de 7 Cabeças", de Laís Bodanzky (2001). Em 2002 foi convidado para integrar a equipe de "Madame Satã", de Karim Aïnouz, pelo qual recebeu o prêmio de Melhor Direção de Arte pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) e também pelo Festival de Cinema de Havana. Em seguida, trabalhou em "Cinema, Aspirina e Urubus", de Marcelo Gomes (2004), "Crime Delicado", de Beto Brant (2005), "A Máquina", de João Falcão (2005) e ainda no segundo longa-metragem de Laís Bodanzky, "Chega de Saudade", em fase de finalização.

"Aceitar o que a observação da vida oferece e se apoiar no observado com delicadeza e propriedade. A clareza do comum e do cotidiano. Um desenho de observação. Os personagens não são exceções e o visível também não poderia ser. A parceria com a fotografia de Mauro Pinheiro foi essencial. O trabalho de descoberta e composição conjunta desses universos foi o que possibilitou a recriação de uma naturalidade cromática e espacial."

Marcos Pedroso

FICHA TÉCNICA

Pais **Brasil** / Gênero **Drama** / Idioma original **Português** / Duração **90 min.** /
Formato **1,85:1** / Som **DOLBY SR**

Dados sobre a produção

As filmagens foram realizadas na cidade de São Paulo no final de 2005 e a pós-produção durante o ano de 2006. Filmado em S16mm o filme na pós-produção foi ampliado em 35mm.

O filme foi financiado em todas as suas fases com recursos oriundos de prêmios ganhos no Brasil (Estado de São Paulo, Prefeitura de São Paulo, concursos de empresas públicas) e no exterior (Hubert Bals Fund, prêmio TVE/Cine en Construcción/San Sebastian 2006).

Dados sobre a distribuição

Brasil: Imovision

América do Norte: FiGa Films

Agente de vendas internacional: WIDE MANAGEMENT

Elenco completo

Alice	Carla Ribas
Lucas	Vinicius Zinn
Edinho	Ricardo Vilaça
Junior	Felipe Massuia
Dona Jacira	Berta Zemel
Lindomar	Zécarlos Machado
Carmen	Renata Zhaneta
Nilson	Luciano Quirino
Thais	Mariana Leighton
Neide	Dirce Couto
Toninho	Jorge Cerruti
Carlinhos Abranches	Cícero Augusto
Seu Gabriel	Elias Andreato
Ivanildo	Claudio Jaborandy
Vanessinha	Talita Craveiro
Passageiro do Táxi	Roberto Leite
Cliente de Lucas	Marcos Pedroso
Oftalmologista	Thiago de Mello
Colega de Alice no salão	Francisco Gaspar
Colega de Alice no salão	Monicah Duarte

Equipe Técnica

Argumento e Direção	Chico Teixeira
Produtores	Patrick Leblanc / Zita Carvalhosa
Roteiro	Chico Teixeira / Júlio Pessoa / Sabina Anzuategui
/ Marcelo Gomes	
Direção de Fotografia	Mauro Pinheiro Jr, (ABC)
Direção de Arte	Marcos Pedroso
Montagem	Vânia Debs
Direção de Produção	Lili Bandeira
Som direto	João Godoy
Edição de Som	Eduardo Santos Mendes
Casting /Preparação atores	Fátima Toledo
Diretor Assistente	Amilcar M. Claro

Figurinos
Mixagem

André Simonetti
José Luiz Sasso

SOBRE A PRODUTORA - SUPERFILMES

Fundada em 1983, a produtora é sediada em São Paulo e dirigida por Zita Carvalhosa e Patrick Leblanc. Viabilizando projetos próprios e de realizadores independentes, a Superfilmes estruturou-se para atuar nas diferentes áreas da produção audiovisual, priorizando novos talentos e na qualidade técnica e criativa dos produtos finais. Desde a sua fundação, produziu 15 longas-metragens e 30 curtas, além de documentários para a televisão em parceria com Arte, BBC, Canal +, ABC e NDR.

Longas-metragens

A CASA DE ALICE - Ficção de Chico Teixeira
A MARGEM DO CONCRETO - Documentário de Evaldo Mocarzel
COMO FAZER UM FILME DE AMOR - Ficção de José Roberto Torero (2004)
MEMÓRIAS PÓSTUMAS - Ficção de André Klotzel (2000)
URBÂNIA - Ficção de Flávio Frederico (2001)
TÔNICA DOMINANTE - Ficção de Lina Chamie (2001)
FÉ - Documentário de Ricardo Dias (1999)
O CINEASTA DA SELVA - Documentário de Aurélio Michiles (1996)
NO RIO DAS AMAZONAS, - Documentário de Ricardo Dias (1996)
CAPITALISMO SELVAGEM - Ficção de André Klotzel (1994)
ANJOS DA NOITE - Ficção de Wilson Barros (1987)

Documentários

O PONTAL DO PARANAPANEMA - Francisco Guariba (2005)
VALE A PENA SONHAR - Stela Grisotti e Rudi Bohm (2004)
UM REI NO XINGU - Helena Tassara (2002)
MISTURA E INVENÇÃO - Isa Ferraz (2002)
CARREGO COMIGO - Chico Teixeira (2001)
INTÉRPRETES DO BRASIL - Série de Isa Ferraz (2001)
O POVO BRASILEIRO - Isa Ferraz (2000)
FRUTAS DO BRASIL - Sério de Helena Tassara (1997)
CRÔNICAS AMAZÔNICAS - de Frédéric Létang (1996)

Curtas

Cao Hamburger (A GAROTA DAS TELAS)
Andréa Seligmann (ONDE SÃO PAULO ACABA)
Eliane Caffé (CALIGRAMA)
Rubens Xavier (PEDEGUERRA)
José Roberto Torero (MORTE; AMOR; O BOLO; A ALMA DO NEGÓCIO)
Flávio Frederico (RED; OFUSCA; PORMENORES; COPACABANA; TODO DIA TODO)
Philippe Barcinski (O POSTAL BRANCO)
Ricardo Dias (CALANGOS DO BOIAÇU)
Ninho Moraes (BRANCO E PRETO (NORTE & SUL))
Alice de Andrade (DENTE POR DENTE)
Nilson Villas Bôas (A MULHER DO ATIRADOR DE FACAS)

Jeferson De (DISTRÁIDA PARA A MORTE)

Chico Teixeira (CRIATURAS QUE NASCIAM EM SEGREDO)